

Charge “Dilemas de uma Pátria Educadora”: Uma proposta de Opinião Ilustrada do/para o interior de Mato Grosso¹

Fábio Faria PIRES²
Weverton Velasco DAVID³
Marcela Fernanda PAVÃO⁴
Lawrenberg Advincula da SILVA⁵
Iuri Barbosa GOMES⁶

Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), Alto Araguaia, MT.

RESUMO

Dos desenhos de Ziraldo nos antigos pasquins à silhueta refinada de Laerte, na produção de charge brasileira sempre prevaleceu o humor sarcástico e extremamente irônico. Assim sendo, o presente trabalho optou por explorar a linguagem visual das charges para retratar temas de interesse nacional para o público infanto-juvenil de escolas públicas de Alto Araguaia, interior de Mato Grosso. Trata-se de um projeto de conscientização cidadã, que foi desenvolvido durante a disciplina de Design do curso de Jornalismo da Unemat local, cujo objetivo é levar temas da agenda nacional para estudantes secundaristas, a fim de propor discussões e, sobretudo, mostrar o potencial da opinião ilustrada como ferramenta de crítica social.

PALAVRAS-CHAVE: Charge; crítica social; Alto Araguaia.

1 Um breve histórico das charges no Brasil

*“When we grew up and went to school
There were certain teachers Who would
Hurt the children in any way they could”
(Another Brick In The Wall, PINK FLOYD)*

Uma das manifestações literárias que vêm ganhando espaço na sociedade de uma maneira geral são as charges. Gênero rico em informações, expressas por meio de desenhos e caricaturas, acompanhados ou não por textos escritos (BIDARRA, 2013). De acordo com Fonseca (1999), a primeira charge publicada no Brasil, não saiu em um jornal ou revista, mas apareceu como uma estampa avulsa. Datada de 1837, foi criação de Manoel de Araújo

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria PT06 - Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Charge.

² Aluno líder do grupo e estudante do 3º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: fabiopires46@live.com.

³ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: wevertonvelasco.D@hotmail.com.

⁴ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: marcelapavao1@hotmail.com .

⁵ O Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Unemat, e editor-geral da revista científica Comunicação, Cultura e Sociedade (RCCS), vinculada ao Centro de Pesquisa de Alto Araguaia-MT, email: lawrenberg@gmail.com.

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: i.b.gomes@gmail.com.

Porto Alegre, nomeado posteriormente Barão de Santo Ângelo. A charge era uma crítica às propinas recebidas por um funcionário do governo relativas ao jornal Correio Oficial (FONSECA, 1999: p. 209).

Inicialmente, as charges eram publicadas e vendidas avulsas, sendo a maioria comercializada em lojas e livrarias. Mas só foi em 1844 que tivemos a primeira revista voltada a publica-las regularmente. O nome dela era “Lanterna Mágica”. Depois desta, foram lançadas a “Semana Ilustrada”, “Vida Fluminense”, “O mosquito”, “Comédia Social”, “O mequetrefe” e o “Don Quixote” (COSTA, 2007: p. 169).

As charges surgem como um meio facilitador da abordagem do fato tornando de forma mais esclarecedora a informação. Sobre este aspecto, o autor Will Eisner afirma que “o narrador espera que o público vá compreender, enquanto o público espera que o narrador vá transmitir algo que seja compreensível” (EISNER, 2008: p.11).

Ao abordar temas como estes, as charges se utilizam da sátira para opinar sobre eles. Funcionam segundo Nery (1998: p.39), como “interpretações críticas, inteligentes e irônicas” dos assuntos retratados.

Ciente disso, a proposta de charge, intitulada Dilemas de uma Pátria Educadora, reflete sobre a condição humana, mas, sobretudo, do lugar-comum exercido pela educação em uma sociedade acostumada com a violência e, cada vez mais, ludibriada pelos discursos manipuladores da onda neofascista em curso. Trata-se de um produto desenvolvido durante as aulas laboratoriais da disciplina de Design, do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, e vinculado ao grupo OpineCom.

Este trabalho, enquanto instrumento de uma reflexão libertadora, estendeu-se na forma de oficina em duas escolas da cidade de Alto Araguaia (interior de Mato Grosso), Carlos Huguene y e Arlinda Morbeck. A ideia era levar temas de política, educação e cultura a partir da charge para públicos infanto-juvenil, sobretudo, jovens com dificuldades de interpretação de texto e socialização.

2 OBJETIVO DO TRABALHO

O presente trabalho tem por objetivo mostrar o potencial da opinião ilustrada como ferramenta de crítica social para estudantes da rede pública no interior de Mato Grosso. Além de fomentar discussões em escolas da rede pública de Alto Araguaia sobre um

assunto do interesse da agenda nacional. Consequentemente, as discussões intermediam agendas de amplitude nacional em âmbito local.

Vale ressaltar que, ao se fazer um paralelo entre a charge e a sua importância para o ensino, Vergueiro (2010) faz referência aos quadrinhos desde a época da pré-história, em que o homem primitivo ilustrava nas paredes das cavernas grandes acontecimentos ocorridos, o que se caracterizava como comunicação da época. Dentro do gênero quadrinhos, temos a charge que aborda temas do dia a dia, explorando o humor e a criticidade presentes nas HQs.

3 O PORQUÊ DESENVOLVER UMA CHARGE SOBRE EDUCAÇÃO E REPRESSÃO

No final de 2015, o confronto entre PMs e estudantes no estado de São Paulo virou manchete nos principais jornais do Brasil. Naquela ocasião, os estudantes paulistanos decidiram ocupar escolas em protesto a uma medida feita pelo governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), e tiveram como resposta a truculência das PMs. O episódio traumático, embora bastante noticiado em jornais como Folha de S. Paulo e O Globo – os de maior circulação no Brasil –, foi muito mal interpretado por conta de sua verdadeira dimensão simbólica ao tipo de civilização que vivemos ao passo de muitos jornalistas terem defendido a ação ofensiva do Governo e uma imensa maioria ter relativizado a gravidade daquela violência contra jovens estudantes. E no caso da opinião ilustrada, não foi muito diferente. Fora algumas exceções, houve um “silêncio da turma dos rabiscos”, dando a impressão que os modos truculentos sobrepõem ao direito de expressar e reivindicar seus direitos, ainda mais em se tratando de uma melhor educação.

Ao falar de educação no Brasil, é quase impossível não citar Paulo Freire. Segundo o intelectual (1987: p.69):

O importante, do ponto de vista de uma educação libertadora, e não “bancária”, é que em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos do seu pensar, sua própria visão do mundo manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros.

Soma-se a isso uma pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE, 2014) que aponta que 92% da população brasileira são consideradas analfabeta funcional. Em outras palavras: isto significa que, apesar de uma imensa maioria saber ler,

não consegue interpretar satisfatoriamente os textos. E, em tempos de oferta abundante de informação nas redes sociais da internet, este número representa um risco alto de formação de uma geração de pessoas mais desinformadas do que realmente instruídas. O que é, evidentemente, o maior paradoxo da contemporaneidade.

Um terceiro ponto a ser destacado em relação à charge diz respeito ao seu caráter pedagógico. De acordo com Jorge Bidarra (2013: p. 151):

Com suas características interdisciplinares e dinâmicas, as charges se revelam um grande desafio para os alunos, porque, através delas, eles se veem obrigados, dentre outras coisas, a fazerem inferências entre o dito e o não dito no texto. Tal provocação tende a despertar nos alunos o interesse, a curiosidade, a pesquisa, fazendo deles indivíduos críticos e realmente reflexivos.

Sobre isso, também vale citar a obra de Donis Dondis (2002: p. 5) quando o mesmo mensura o potencial da mensagem visual ante a verbal.

Não é difícil de detectar a tendência à informação visual no comportamento humano. Buscamos um reforço visual de nosso conhecimento por muitas razões; a mais importante delas é o caráter direto da informação, a proximidade da experiência real. Quando a nave espacial norte americana Apoio XI alunissou, e quando os primeiros e vacilantes passos astronautas tocaram a superfície da lua, quantos, dentre os telespectadores do mundo inteiro que acompanhavam a transmissão do acontecimento ao vivo, momento a momento, teriam preferido acompanhá-lo através de uma reportagem escrita ou falada, por mais detalhada ou eloquente que ela fosse? Essa ocasião histórica é apenas um exemplo da preferência do homem pela informação visual.

Folheando pelas páginas de jornal e revista, sobretudo nos cadernos de Política, o impacto visual das charges sobressai diante das colunas e mais colunas de texto. De fato, o desenho, inicialmente cunhado nas superfícies arenosas das cavernas do período paleolítico, exerce um fascínio maior do que qualquer palavra.

4 Métodos e técnicas da charge

O processo de produção da charge “Dilemas de uma pátria educadora” dividiu-se em duas etapas: 1) pesquisa e 2) execução. Na pesquisa, teve como ponto de partida um clipping de notícias relacionadas ao confronto entre PMs e estudantes em São Paulo, e depois uma pesquisa bibliográfica sobre charges no Brasil e sintaxe visual. Enquanto na

etapa de execução foi feito um esboço, depois a redação e, finalmente, a arte-finalização do desenho no software corel draw X3, programa especializado em editoração visual.

a. Pesquisa do tema. A princípio, fizemos uma reunião inicial para discutirmos o tema central da charge, a partir do clipping das notícias dos principais jornais como Folha de S. Paulo e O Globo, considerado os diários de maior circulação no Brasil (www.anj.org.br, 2015).

b. Pesquisa de charges. Contextualizar, discutir, opinar e transmitir acontecimentos noticiosos de modo que seja compreensível ao leitor não é tarefa fácil. Segundo as autoras Neide Aparecida Arruda de Oliveira e Lara Monique Almeida (2006) “A charge é crítica porque discute e opina sobre acontecimentos noticiosos, usando para tal outra linguagem, a do desenho. O que há de conteúdo relevante em um fato (fato que é de importância naquela edição); de forma que o leitor compreenda do que se trata, e fique informado sobre algo importante que se passa no mundo ou no país naquele dia. Por fim, é irônica porque interpreta invocando a sátira, expondo o fato pelo ângulo do ridículo”. (p. 81). Neste sentido, decidimos tomar por referência os traços de Ziraldo, Henfil e Duke.

c. Desenho à mão livre (fase artesanal do desenho versus computação gráfica). Usamos o seguinte método para confecção do trabalho: primeiro fizemos o esboço da charge, para tanto, utilizamos materiais como papel sulfite, lapiseira, borracha, lápis HB, lápis 2B e lápis 6B.

O rascunho foi feito a lapiseira 0,9 e o contorno foi feito com o uso de um lápis 6B e lápis 2B. Em seguida, foram feitos o preenchimento, o sombreamento e a textura do desenho com lápis HB. Esse trabalho de criação no papel durou, aproximadamente, uma hora e trinta minutos. Após isso, a charge foi “escaneada” para o computador, gerando um arquivo de imagem em JPEG que foi cortado e editado no programa Corel draw X3.

d. Editoração eletrônica e finalização

Na fase eletrônica, para finalizar, utilizamos o programa Corel Draw X3 para realçar os detalhes dos traços e adicionar o texto. Para isso, primeiramente convertimos o desenho no papel em imagem Jpeg, com resolução 700x900pixels e em escala de cinza. A arte-finalização foi feita a partir do software Corel Draw X3, próprio para edição gráfica. Nele, importou-se a imagem para ser trabalhada num layout no tamanho A4 (21x29, 7 cm). Após importado o arquivo da charge, converteu-a em bitmap, formato que possibilita ajustes de tons e aplicação de filtros.

Como a charge é preto e branco, optamos por recursos na paleta de imagem que valorizassem o contraste e a saturação do fundo do desenho. Também no mesmo software foi desenvolvido caixa e o texto, usando a tipografia Cooperblack, cuja silhueta é mais cheia.

5 A charge Dilemas da Pátria Educadora

Na charge, a personagem que se encontra em pé com uma régua na mão, representa o estudante politizado, engajado nas causas sociais e que, ao buscar o dialogo na forma como a narrativa sucedeu, está na condição de mediador, professor na situação. No quadro, consta talvez a maior lição deixada pelo episódio de truculência da PM paulista: ocupação é diferente de invasão. Do outro lado da representação, registra-se policiais representados na condição de estudantes, sob o intuito de colocar em xeque a própria formação educacional e humana das PMs.

Com isso, pretendeu-se traçar um paralelo entre representar os PMs como sendo alunos, que estão na escola, e que, por sua vez, é um ambiente de aprendizagem. O título “Dilemas de uma Pátria Educadora” nos faz pensar de forma crítica a qualidade do ensino brasileiro nos mais diversos estratos sociais, do ensino básico à formação humana e cidadã de autoridades como policiais e governadores. Pode-se dizer que o título da charge foi uma paráfrase irônica do slogan do Governo Federal “Brasil Pátria Educadora”, no sentido de evidenciar um caminho longo a ser percorrido para alcançar a condição de uma nação com políticas públicas voltadas para a Educação em todos os seus níveis.

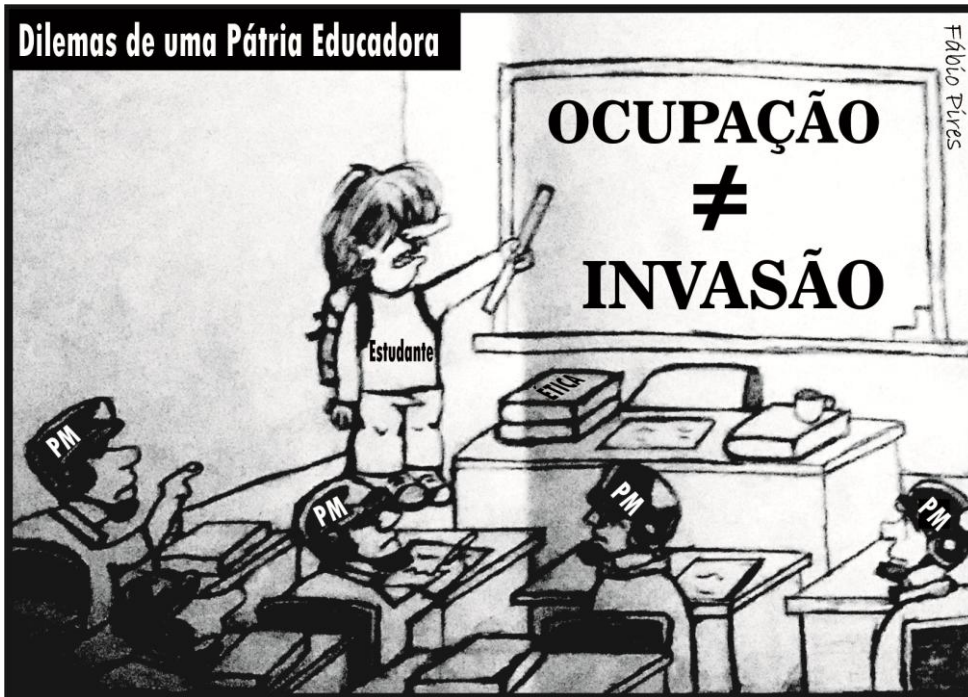


Fig.1: Charge Dilemas de uma Pátria Educadora

5 Considerações sobre a charge enquanto crítica social

Ainda que a produção em opinião ilustrada seja tímida, a partir da observação de veículos impressos na imprensa matogrossense, a experiência de fazer charge possibilitou compreender a sintaxe visual para além do mero registro icônico de personagens, pois acabei tendo contato com elementos visuais da crítica, o poder dos traços e a ironia das linhas e silhuetas do desenho. Permitiu-me enveredar pelas obras de Ziraldo e Laerte, mas também aprofundar pela temática da educação, lendo, mesmo que diligentemente, capítulos e artigos de intelectuais como Paulo Freire, então um dos maiores pensadores brasileiros.

Do ponto de vista da experiência, desenvolver a charge contribuiu para um maior conhecimento acerca das técnicas do desenho, da sintaxe visual de determinados elementos, além de um aguçamento da crítica social em relação a temas de amplitude nacional. E durante a exibição das charges nas escolas de Alto Araguaia notei que há ainda muito a ser feito no que tange a conscientização social por meio delas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. www.anj.org.br

BIDARRA, J. **Gênero charge: construção de significados a partir de uma perspectiva interdisciplinar e dinâmica.** Signo [ISSN 1982-2014]. Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 150-168, jan./jun. 2013.

CHAUÍ, M de S. Ideologia e **Educação.** **Educação & Sociedade.** 1980, nº5, pp. 24-40.

COLLARO, A. C. **Projeto Gráfico: teoria e prática em diagramação.** 3. ed. São Paulo: Summus, 2002.

COSTA, C. R. da **A Revista no Brasil, o Século XIX.** São Paulo, 2007.

EISNER, W. **Quadrinhos e a Arte Sequencial.** 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1999.

ENCICLOPÉDIA. **Nosso Tempo: A cobertura jornalística do século.** Volumes I e II. Klick Editora, 1995.

FIORIN, J. L. **Introdução à Linguística.** 6ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FONSECA, J. da. (1999). **Caricatura: A imagem gráfica do humor.** Porto Alegre: Artes e Ofícios.

MAGGIONI, F. **Charges jornalísticas. Estratégia de imagem em enunciação de humor icônico.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS). Santa Maria-RS, 2011.

OLIVEIRA, N. A.; ALMEIDA, L. M. Gêneros jornalísticos opinativos de humor: caricaturas e charges. **Revistas Janus**, v. 3, n. 4, p. 76-91, segundo semestre de 2006

ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo/ Edson Carlos Romualdo.** Maringá: Eduem, 2000.

SOUSA, J. P. **Elementos de jornalismo impresso.** Porto, 2001. Disponível em: <<http://bocc.uff.br/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>> Acesso em: 30 Mar. 2015.

WILLIAMS, R. **Design para quem não é designer.** 2. ed. Ver. E Ampl. São Paulo: Callis, 2005.